

1.

“...Porque o amor, não é aquilo que cada um de nós deseja. O amor, é o tudo e o nada, sendo que o tudo é feito de pequenos nada e que um nada pode ser tudo. Tudo contribuiu para que o nosso amor crescesse e se desenvolvesse. Todos os olhares, todos os toques, todas as palavras, todos os pequenos beijos e todos os abraços, porque quando nada se espera o que se obtém é tudo, mas quando tudo se quer, nada é suficiente. E nós fomos com o tempo, sabendo apreciar todos os pequenos nada e com isso... tivemos tudo! E foi por pensares que não me davas tudo, que me deixaste sem nada! E com esta dicotomia, eu compreendo que, com a tua partida, se não tivesse mantido as memórias de ti, teria ficado completamente sem nada, ainda que apenas as memórias, num amor possam parecer nada, porque num amor, num verdadeiro amor, pretendemos tudo.

E com isto eu apercebo-me do quão exigente pode ser o amor. Como dando sempre tanto a todo o momento, estamos sempre em falta, porque nunca é possível darmos tudo. Agora vejo que num amor, numa vida a dois, o verdadeiramente importante é a sintonia entre o esperado e o oferecido. Apenas com essa sintonia, estamos permanentemente satisfeitos, porque obtemos aquilo que pretendemos e damos aquilo que o outro espera, ainda que isso sejam apenas pequenos nada. Pequenos nada de sorrisos, de palavras e simples atenções feitos, mas que nos encham o coração e a alma de uma tal forma plena, que nos leva à satisfação connosco e por consequência com os outros. Quando felizes com nós próprios, a felicidade irradia-nos dos olhos, transpira no sorriso, liberta-se no ar com os nossos gestos, espalhando-se à nossa volta contagiando os outros que connosco se cruzam.”

2.

" E eu sinto-te por todo o lado. Sinto-te no jardim onde costumávamos passear e conversar horas a fio, sentados naquele banco testemunha de tantas memórias a dois. Sinto-te numa criança que passa por mim a correr e me lembra dos nossos planos de termos o nosso próprio filho, o nosso legado para este mundo em que vivemos e do qual apreciamos todo e qualquer pormenor. Sinto-te nos meus livros, espaços muitas vezes testemunhas dos meus pensamentos por ti, por neles me inspirar para te escrever e por vezes chegar a fazê-lo até nos mesmos. Sinto-te nos meus CD's, cujas músicas fomos aprendendo com o tempo a apreciar em conjunto, apreciar a melodia, apreciar as letras, explorando o tanto que uma simples música pode em si conter e dizer, quando ouvidas a dois. Sinto-te nos meus haveres espalhados pela casa, por terem sido pensados e comprados por nós, em conjunto, num misto de planos e ocorrências acidentais. Mas sobretudo, sinto-te no espelho onde me olho e te detecto no respirar dos meus poros, que se dilatam num arrepio quando o meu pensamento se dirige para ti.

Definitivamente, tu estás impregnada em mim, tu fazes parte de mim e sem ti, o meu ADN não fica completo."

3.

“Com a tua partida, fiquei só. Só como nunca estivera em toda a minha existência.

Só de companhia, só de vontades, só de ideias, só de tudo, sem nada, completamente isolado. E esta sensação de isolamento, revirava-me o espírito e o pensar, todos os dias, todas as noites. Para onde quer que olhasse dentro de mim, mesmo nos recantos mais recônditos do meu ser, só encontrava réstias de ti e sabendo que ter-te era algo que fazia parte apenas do meu passado e das minhas memórias, acabava por me sentir despido, amargurado e profundamente só. Acabei assim, por me habituar a ter por companhia a solidão. A solidão dos que habitam as multidões de desconhecidos sem que nunca sejam notados.

E era para ti que dirigia sempre o meu primeiro pensamento do dia e o último das minhas longas noites. Quando me deitava, eras tu que continuavas a acompanhar-me. Eram os teus braços imaginários que sentia a enrolarem-se em redor do meu corpo, quando te juntavas a mim pelas minhas costas, na posição de concha, em que as linhas dos dois corpos se encaixam na perfeição em toda a sua extensão, acabando os dois por como se unirem formando um só. E eu, continuava a dizer-te *“Boa noite Amor. Até amanhã, Dorme bem.”*, noite após noite, mesmo sentindo-me ridículo após o fazer, mas a vontade falava mais alto do que a razão e as palavras fluíam com a normalidade de um hábito adquirido durante anos. Continuava a dizê-lo e sempre que o fazia, ficava espantado e revoltado comigo mesmo, quando reparava no carinho ainda impregnado nestas palavras proferidas em sussurro em plena escuridão, após o apagar da luz do meu candeeiro, ao lado do qual, ainda permanecia aquela nossa foto tirada em Paris, com a Torre Eiffel de fundo. E todas as noites, antes de desligar o candeeiro, os meus olhos fitavam aquela imagem por uns breves instantes, antes de a luz se apagar. Tinha-te em mim, sim. Ai quanto te tinha em mim!”